

A cegueira de Saramago para além da literatura em sala de aula

Saramago 's blindness beyond literature in the classroom

*Cássia Stefanini Vieira*¹

¹ Graduada em Letras pela PUC-SP e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da UNIFESP, Brasil. E-mail: csvieira20@unifesp.br

RESUMO

A primeira reação que temos ao nos depararmos com uma situação atípica é a negação. Estar completamente vulnerável e fora da nossa zona de conforto pode ser uma oportunidade de aprendermos a lidar com nós mesmos, embora este não seja o pensamento à priori. Ressignificar nosso lugar no mundo é uma tarefa árdua, mas quando se está disposto a tirar as amarras da cegueira, o processo pode ser menos angustiante do que se imagina. Por isso, o propósito deste trabalho é promover o desenvolvimento das competências socioemocionais a partir da obra *Ensaio sobre a cegueira*, do escritor português José Saramago. A Experiência aqui desenvolvida com os alunos do ensino médio da Etec de Cotia, no Estado de São Paulo, conduz a um novo olhar sobre o papel da literatura em sala de aula, além de seu poder transformador em cada um de nós.

Palavras-chave: José Saramago;
Competências Socioemocionais;
Literatura.

ABSTRACT

The first reaction we have to come across an atypical situation is denial. Being completely vulnerable and outside our comfort zone can be an opportunity to learn how to deal with ourselves, although this is not the priori thinking. Resignifying our place in the world is an arduous task, but when you are willing to remove the bonds of blindness, the process may be less sweet than you can imagine. Therefore, the purpose of this work is to promote the development of socio-based skills from the essay work on *Blindness*, from portuguese writer José Saramago. The Experience developed with the High School students of Etec de Cotia, in the State of São Paulo, leads to a new look at the role of literature in the classroom, as well as its transforming power in each of us.

Keywords: José Saramago;
Socioemotional Competences;
Literature.

1 Introdução

A literatura é uma arte com o intuito de provocar reflexão. Desde a infestação de ratos de Albert Camus passando pela fuga para as montanhas de Boccaccio e chegando aos livros de autoajuda nós sempre buscamos respostas por não saber lidar com as adversidades.

Conduzir uma aula de literatura não é seguir um manual, embora seja mais fácil na maioria das vezes. Estimular o interesse dos alunos de uma forma geral é um grande desafio. Há aqueles que usam dos mais variados recursos na luta contra os *smartphones* que, cá entre nós, nos vencem em algumas batalhas quando não se vê necessidade ou não tem vontade de estudar literatura. A questão é: o que esperar de uma aula de literatura, então? Seguir à risca as propostas do programas de ensino é o que se espera seja para um professor ingressante, seja um mais experiente. No entanto, há atividades que podem nos proporcionar além de uma análise textual, se quisermos e pudermos. Tudo depende de dois pontos cruciais: vontade e objetivo. Não são somente nossos alunos que precisam ter vontade de estudar e ainda mais literatura. A vontade ou a falta dela é inerente ao ser humano. Jules Payot (2018, p.23), educador e pedagogo francês, salientou que “[...] a causa de quase todos nossos fracassos, de quase todos males, é uma só: a fraqueza da vontade.” Sem esforço não há resultado/recompensa.

É evidente que a realidade educacional da nossa sociedade não depende apenas da vontade. Esbarramos em outros fatores tão importantes como a própria formação do professor, em especial aqui de Letras, que nem sempre é a mais adequada. O que pode justificar, infelizmente, nosso sistema de ensino agravar uma preguiça intelectual fazendo com que o desejo de um trabalho mais significativo se perca diante de tanta burocracia diária. A facilidade da vida moderna agitada é mais interessante do que ler um livro, por exemplo, e isso se aplica tanto aos docentes quanto aos discentes. Também não fomos

ensinados a cultivar essa vontade, tão pouco achamos em um manual como ativar este mecanismo em nós professores. E é aqui que entra o objetivo como o segundo ponto crucial. Trabalhar um texto literário em sala de aula é, acima de tudo, proporcionar uma visão mais ampla dos diversos usos da linguagem assim como entender as relações deste texto com o mundo, e não somente dos elementos da obra em si. (TODOROV, 1939, p. 39). Este pode ser um dos caminhos para a mudança da fraqueza da vontade de que Payot sustenta.

Quem transpõe os alunos a uma prática para além da sala de aula consegue tirá-los da zona de conforto com novas propostas de trabalho que valorizem

a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. (BNCC, p. 9)

No entanto, indo mais além do que propõe o BNCC, a cerca especificamente dos conhecimentos de Literatura em sala de aula, o Ministério da Educação e a Secretaria de Educação Básica elaboraram as *Orientações Curriculares para o Ensino Médio*, destinada para a área de *Linguagens, Códigos e suas Tecnologias* (2018, p. 5) com o objetivo de “contribuir para o diálogo entre professor e escola sobre a prática docente.” (p. 5).

Se o objetivo é proporcionar aos discentes um novo olhar, é necessário o letramento literário – fazer com que o aluno tenha capacidade de apropriar-se da literatura e, assim, ter uma experiência literária. Quais são os efeitos, experiências, sensações que o texto literário pode proporcionar aos alunos, então? Cabe aqui uma observação, às vezes errônea, de que o aluno não teria a capacidade de compreender um texto literário. Claro que algumas obras estão um pouco distante de sua faixa etária, mas deixar de explorar certos textos com

os discentes faz que com seu lado mais humano seja sempre deixado em segundo plano e a literatura ainda continue sendo vista como no século XVI:

‘a cultura do letrado’, ou seja, a *erudição*. ‘Ter literatura’ é possuir um saber, consequência natural de uma soma de leituras. Como a *literatura* supõe a afiliação a uma elite, a uma aristocracia do espírito, o termo acaba, por deslizamentos sucessivos, vindo a designar o ‘grupo das pessoas de letras’ (JOUVE, 2012, p. 29).

Pensando nesse papel humanizador da literatura, Antônio Cândido, crítico literário, diz que a literatura é um fator indispensável para a humanização. Segundo o autor,

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CÂNDIDO, 1995, p. 249 *apud* LINGUAGENS, 2000, p.54).

Ainda segundo Cândido, o ideal no ambiente escolar seria não sobrecarregar os alunos com informações em que mais priorizam o exercício da memorização seja de regras gramaticais ou de movimentos literários, o que percebemos que ainda é muito frequente no nosso sistema educacional. O ideal aqui é proporcionar a esses alunos uma consciência de apropriação, tornando-os verdadeiros leitores. A isso, o letramento literário faz-se necessário.

Ademais, cabe ao professor de literatura propor um trabalho que convide o aluno a um olhar mais humanizador e significativo, afim de reverter o abismo que encontramos em sala de aula no que diz respeito ao ensino de literatura. A isso,

o professor de Literatura não pode subscrever o preconceito do texto literário como monumento, posto na sala de aula apenas para reverência e admiração do gênio humano. Bem diferente disso, é seu dever explorar ao máximo, com seus alunos, as potencialidades desse tipo de texto. Ao professor cabe criar as condições para que o encontro do aluno com a literatura seja uma busca plena de sentido para o texto literário, para o próprio aluno e para a sociedade em que todos estão inseridos. Em suma, se quisermos formar leitores capazes de experienciar toda a força humanizadora da literatura, não basta apenas ler. (LEITE, 1983, *apud* COSSON, 2014, p.23.)

2 A Experiência Saramago - o mundo distópico da cegueira

A distopia sempre foi um gênero que causou, de certa forma, interesse aos adolescentes pela sua visão de mundo em decadência. Em 2008, a trilogia de Suzanne Collins *Jogos Vorazes* atraiu a atenção de dezenas de adolescentes pelo seu enredo de lutar pela vida, literalmente, para sobreviver em um mundo destruído pela opressão. Não podemos nos esquecer também de o *Conto da Aia*, de Margareth Atwood, depois de 35 anos de publicação, passou a ser uma das obras mais vendidas do gênero devido ao protagonismo de mulheres em futuro distópico no qual não passam de meras reprodutoras. Obras consideradas clássicas como *1984*, de George Orwell, *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley e *Laranja Mecânica*, de Anthony Burgess completam a lista de desejos de pessoas que se descobriram amantes da antiutopia. Ver o mundo de fora como algo totalmente alheio a nós, como algo que “ainda bem que não vivemos assim” ou “é capaz que isso ainda aconteça um dia” nos acende um alerta para o que estamos fazendo agora, no presente.

A Experiência Saramago nasceu entre 2010 e 2011 ao final de uma aula de Literatura no 3º ano do Ensino Médio da Etec de Cotia, localizada no estado de São Paulo. Tive a ideia de levar a turma à área externa na escola para fazermos um encerramento “diferente” da nossa leitura da obra *Ensaio sobre a*

cegueira, do escritor português José Saramago. Distribuí dez vendas aos voluntários e, então, traçamos um pequeno percurso. Enquanto os voluntários narravam suas sensações os outros alunos da sala, que não estavam vendados, comentaram o quanto é angustiante alguém não ter a visão e imaginaram o que os personagens pudessem ter vivido em meio ao caos do país fictício de Saramago.

Como as outras salas de aula localizavam-se ao redor dessa área externa, outras turmas conseguiram ver nossa atividade da janela das salas e isso ativou curiosidade e interesse dos demais alunos. Assim, a cada ano letivo iniciado, *Ensaio sobre a cegueira* passou a ser leitura necessária para o terceiro ano a fim de desenvolvermos o projeto no 4º bimestre com as outras turmas da escola. O projeto aprimorou-se ao longo desses anos e notei a importância de trabalhar uma teoria mais detalhada antes da parte prática da Experiência. Assim, elaborei dez passos para que todos pudessem ter uma visão macro do projeto e para nos organizarmos melhor. O primeiro deles é a análise que faço de algumas cenas consideradas principais para o desenvolvimento do projeto. Aqui, destacarei apenas cinco delas e algumas reações dos alunos. A primeira cena é o início do romance:

O disco amarelo iluminou-se. Dois dos automóveis da frente aceleraram antes que o sinal vermelho aparecesse. Na passadeira de peões surgiu o desenho do homem verde. A gente que esperava começou a atravessar a rua pisando as faixas brancas pintadas na capa negra do asfalto, não há nada que menos se pareça com uma zebra, porém assim lhe chamam. Os automobilistas, impacientes, com o pé no pedal da embraiagem, mantinham em tensão os carros, avançando, recuando, como cavalos nervosos que sentissem vir no ar a chibata. Os peões já acabaram de passar, mas o sinal de caminho livre para os carros vai tardar ainda alguns segundos, há quem sustente que esta demora, aparentemente tão insignificante, se a multiplicarmos pelos milhares de semáforos existentes na cidade e pelas mudanças sucessivas das três cores de cada um, é uma das causas mais consideráveis dos

engorgitamentos da circulação automóvel, ou engarrafamentos, se quisermos usar o termo corrente. (SARAMAGO, 1995, p.11).

O curioso deste trecho é que essa impaciência desses “rodantes” – à lá Monteiro Lobato² – passa despercebida durante a leitura pela maioria dos alunos devido a nossa naturalização das coisas. O que a modernidade tem feito conosco a ponto de parecer interminável a espera em um simples semáforo? Alguns até relatam que nem repararam nessa impaciência narrada logo na primeira página querendo chegar logo na cegueira e seu caos que assola essa sociedade.

Já o segundo trecho que considero importante é a cena da traição, quando a mulher do médico, a única que não perdeu a visão, vê seu marido a traindo com a rapariga dos óculos escuros:

[...] Não se deitou logo. Encostada à parede do fundo, no espaço estreito entre as duas fileiras de catres, olhava desesperada a porta no outro extremo, aquela por onde tinham entrado num dia que já parecia distante e que não levava agora a parte alguma. Assim estava quando viu o marido levantar-se e, de olhos fixos, como um sonâmbulo, dirigir-se à cama da rapariga de óculos escuros. Não fez um gesto para o deter. De pé, sem se mexer, viu como ele levantava as cobertas e depois se deitava ao lado dela, como a rapariga despertou e o recebeu sem protesto, como as duas bocas se buscaram e o prazer de um, o prazer do outro, o prazer de ambos, os murmúrios abafados, [...] (SARAMAGO, 1995, p.171).

O terceiro trecho que também analisamos é a cena do estupro ou ‘o matadouro’. Vale uma observação para esta cena em especial, pois ela acontece na metade do romance. Diante de tanta desgraça já vivida neste manicômio, o que ainda estava faltando? Este é um dos questionamentos que os alunos mais

² Referência à obra *O Presidente Negro*, de Monteiro Lobato. O autor apresenta no início do romance a sociedade dividida em duas castas: “pedestres” e “rodantes”. Ayrton Lobo, protagonista, tornou-se um “rodante” assim que comprou um Ford e sua visão dos “pedestres” mudou radicalmente.

levantam ao ler *Ensaio sobre a cegueira*:

[...] Já aí vêm, já aí vêm. De dentro saíram gritos, relinchos, risadas. Quatro cegos afastaram rapidamente a cama que servia de barreira à entrada, Depressa, meninas, entrem, entrem, estamos todos aqui como uns cavalos, vão levar o papo cheio, dizia um deles. Os cegos rodearam-nas, tentaram apalpa-las, mas recuaram logo, aos tropeções, quando o chefe, o que tinha a pistola, gritou, O primeiro a escolher sou eu, já sabem. Os olhos de todos aqueles homens buscavam ansiosamente as mulheres, alguns estendiam as mãos ávidas, se de fugida tocavam em uma delas sabiam enfim para onde olhar. [...] O chefe dos cegos, de pistola na mão, aproximou-se, tão ágil e despachado como se com os olhos que tinha pudesse ver. Pôs a mão livre na cega das insónias, que era a primeira, apalpou-a por diante e por detrás, as nádegas, as mamas, o entrepernas. A cega começou aos gritos e ele empurrou-a, Não vales nada, puta. [...]. (SARAMAGO, 1995, p.175).

Há quem fique atônito ao ler os detalhes de Saramago aqui. Quem não ficaria? No entanto, é justamente com esta cena que muitos deles ficam tristes, decepcionados e até com raiva de alguns colegas de outras turmas pelas risadas, brincadeiras e pouco caso com tamanha crueldade. Vale ressaltar que neste momento os alunos estão vendados, parados no meio de uma sala, somente ouvindo o grupo da atuação narrar trechos do livro. Alguns desses cegos, inclusive, estão literalmente perdidos devido ao excesso de brincadeiras. Outro ponto a ser observado é que alguns alunos dos terceiros anos, que organizam a Experiência, relatam, com um certo respeito, que ao ler a cena da traição choca mais do que a do estupro. A traição ou não tem sido nos últimos anos uma das cenas mais reflexivas para os alunos. E não pelo debate se houve ou não a infidelidade, mas pelo fato de “Como pode este marido fazer o que fez com sua esposa, já que ela fingiu estar cega para acompanhá-lo?” ou “Que tipo de ser humano é este?” Para outros, encarar essa traição mais chocante do que uma violação sexual soa desrespeitoso, mas cabe aqui, novamente, e um tanto quanto infeliz, a naturalização das coisas. Essa é a conclusão que os alunos

chegam: era só o que faltava neste caos!

O penúltimo trecho que trago para a análise é a cena do supermercado. Já não é tão difícil imaginar os saques diante de qualquer crise, até porque a história já nos mostrou e ainda manifesta isso e aqui não seria diferente com a cegueira repentina:

A claridade do dia iluminava até ao fundo o amplo espaço do supermercado. Quase todos os escaparates estavam tombados, não havia mais do que lixo, vidros partidos, embalagens vazias. É singular, disse a mulher do médico, mesmo não se encontrando aqui nada de comida, não percebo por que não há pessoas a viver. O médico disse, De facto, não parece normal. O cão das lágrimas ganiu baixinho. Tinha outra vez o pelo eriçado. Disse a mulher do médico, Há aqui um cheiro, Sempre cheira mal, disse o marido, Não é isso, é o outro cheiro, o da putrefação, Algum cadáver que estará por aí, Não vejo nenhum, Então será impressão tua. [...] Quando a mulher do médico abriu a porta, o cheiro tornou-se mais intenso, Cheira mesmo mal, disse o marido, Deixa-te ficar aqui que eu já volto. [...] O médico ouviu os vômitos, os arrancos, a tosse correu conforme pôde, tropeçou e caiu, levantou-se e caiu enfim apertou a mulher nos braços, Que aconteceu, perguntou, trémulo, ela só dizia, Leva-me daqui, leva-me daqui por favor, pela vez desde que a cegueira chegara era ele quem guiava a mulher, guiava-a sem saber para onde, para qualquer parte longe destas portas, das chamas que não podia ver.[...]. (SARAMAGO, 1995, p. 297-298).

O último trecho escolhido aqui é a volta repentina à visão, da mesma forma que afetou a todos. Esta é uma fala que sempre chamou a atenção de todos os alunos – “por que isso tudo aconteceu?” É aqui que percebem o quanto essa cegueira é uma grande metáfora para a nossa cegueira da razão, o quanto somos bons e maus todos os dias, mas ignoramos:

[...] Por que foi que cegámos, Não sei, talvez um dia se chegue a conhecer a razão, Queres que te diga o que penso, Diz, Penso que não cegámos, penso que estamos cegos, Cegos que veem, Cegos que, vendo, não veem. (SARAMAGO, 1995, p. 310).

Quando em 6 de setembro de 1993, José Saramago, almoçando sozinho em um restaurante em Lisboa, pensou pela primeira vez no até então *Estudo sobre a cegueira*, questionou-se “e se todos ficássemos cegos?” – e tão logo respondeu “nós, no que toca a razão, estamos cegos”.³

Passado esse primeiro momento de reflexões sobre a obra, os alunos trazem outras cenas que mais chamaram suas atenções, às vezes uma palavra, uma fala, uma reação de um personagem. Logo em seguida, fazemos oficinas com alguns temas como violência, discurso de ódio, linguagem das emoções e corporal.⁴

Nessas oficinas também decidimos as divisões de quem se sente mais à vontade para integrar cada um dos quatro grupos que separo os organizadores da Experiência, a saber: guias, auxílio geral, atuação e reflexão. É aqui também nessas oficinas que fazemos os ensaios para a atuação, escolhemos como os alunos dos terceiros anos gostariam que a Experiência fosse desenvolvida. Dessa forma, todos têm função e o trabalho fica muito mais organizado.

A abordagem aos alunos dos primeiros e segundos anos também é planejada, porém feita na surpresa. Somente o professor da turma é previamente comunicado para que seu planejamento de aula não seja prejudicado. Vale ressaltar que nem todos os professores estão dispostos a ceder um espaço de suas aulas para a aplicação do projeto de um colega. Este sempre foi um obstáculo que enfrentei ao longo desses anos e sou grata aos que cederam suas aulas para que o projeto pudesse ser realizado, assim como o apoio que recebi da escola ao longo desses anos. Com isso, os alunos são retirados da sala, vendados e começamos a Experiência pelo percurso

³ Entrevista concedida à Folha de São Paulo, de 18 de outubro de 1995 – *apud* NETO, 2020, p.17.

⁴ Algumas das leituras utilizadas são: *A linguagem das emoções*, de Paul Ekman e *A anatomia da violência: as raízes biológicas da criminalidade*, de Adrian Raine.

planejado. O que mais observamos nesse momento são risos e piadas, o que sempre incomodou os organizadores da Experiência.

O riso faz parte das respostas fundamentais do homem confrontado com sua existência [...] embora ele não tenha “implicações psicológicas, filosóficas nem religiosas; sua função política e social – quando se pensa na sátira ou caricatura – é igualmente importante. O riso é um fenômeno global [...] (MINOIS, 2003, p. 19-20).

Poucos percebem que não só perderam a visão como também o controle e ao rir de desespero, o riso passa a ser contagioso. Assim, não resta outra saída senão parar, tornar-se presente e manter a atenção plena. É aqui que acontece o ponto mais importante da Experiência: a reação de cada um. Quando eles chegam à sala da encenação parecem “brincar” com a cegueira. Para uns, mais parece o anúncio daqueles jogos de degustação para adivinhar uma marca de um produto. Enquanto uns zombam; outros, sentem além disso como, não ter reação ao ouvir a cena de estupro descrita por Saramago, não saber o que fazer com o corpo da cega das insônias, e não conseguir dividir um pedaço de bolacha. É ser um participante de uma cegueira não só física, mas moral também.

Todos os alunos que fazem parte do grupo da reflexão assistem de camarote o show de horrores de um bando de cegos que nas redes sociais travam lutas de cancelamento, mas que privados de um sentido não aguçam outro, a escuta. Não percebem, e não cabe aqui o julgamento, que o colega pode precisar de ajuda. Passado esse processo, a Experiência é finalizada com o grupo da reflexão. É nesse momento, com o feedback da observação, que a “ficha cai”. Alguns se sentem mal ou por ter tido uma reação considerada negativa ou porque pensou em fazer algo, mas não fez, ou pela omissão total. No entanto, a ideia da reflexão como fechamento de um projeto com dois meses de planejamento é justamente mostrar a esses alunos que a perda da

sensibilidade, a indiferença advinda do medo descrita por Bauman pode e deve ser superada:

O medo usa várias máscaras. Ele pode falar a linguagem da experiência íntima e existencial. Contudo, olhando mais de perto, parece que estamos no controle de amplos segmentos do medo organizado: pense nos filmes e contos de terror, funcionando como parte insubstituível do entretenimento, nas comédias de TV e nos humoristas do gênero stand-up. Não temos exatamente medo, mas o temos. Tenho medo, logo existo. Outro lado da mesma moeda, o medo alimenta o ódio e o ódio alimenta o medo. O medo fala a língua da incerteza, da insegurança e da falta de proteção [...]. (BAUMAN, 2014, p.117).

E é justamente aqui que eles mais aprendem sobre a Experiência. Em 2016 um aluno do terceiro ano pertencente ao grupo da reflexão percebeu que a Experiência Saramago é feita para quem está no terceiro ano, pois tudo o que eles veem e sentem são testados, como: as ações e reações de seu amigo “cego”, o estresse do vestibular, problemas em casa, futuro incerto, cansaço. Esse pode ser até um dos motivos de tanta agressividade vinda de alunos que estão sem as vendas. É preciso entender e refletir que neste momento não deve ocorrer uma competição entre “cegos x não-cegos”. Para Adorno (2020, p.176) “[...] a competição é um princípio no fundo contrário a uma educação humana. De resto, acredito também que um ensino que se realiza em formas humanas de maneira alguma ultima o fortalecimento do instinto de competição.” O autor ainda conclui que é preciso “desacostumar as pessoas a se darem cotoveladas. Cotoveladas constituem sem dúvida uma expressão da barbárie.” (ADORNO, 2020, p.177).

Ao final da execução no dia da Experiência, faço um feedback com os alunos dos terceiros apontando justamente o que observei ao longo da nossa atividade. Eles também relatam suas impressões em relação a tudo que passaram/observaram. Suas narrativas expressam os mais diversos pontos de

vista de surpresa pelo resultado alcançado à motivação para procurar uma ajuda especializada devido a algum assunto abordado ou que eles ainda não tinham coragem para enfrentar. Infelizmente ao longo desses anos muitos relatos foram perdidos por terem sido somente orais. Vale um alerta aos professores quanto ao arquivamento de feedback dos participantes, pois aprendi com minha Coordenadora Pedagógica o quanto é necessário o registro para o aprimoramento de qualquer projeto.

Como nossa escola é relativamente pequena, com apenas 6 turmas, os grupos são organizados com 20 cegos por vez; no entanto, a atividade é praticada 8 vezes no dia da Experiência para que todos os alunos dos primeiros e segundos anos sejam atendidos. Embora toda essa preparação seja feita com dois meses de antecedência, a execução é realmente cansativa.

Em 2019 a Coordenadora Pedagógica da escola sugeriu que a Experiência fosse aplicada com o corpo docente e com as turmas dos cursos técnicos em Administração e Contabilidade, ambos do período noturno. Fiz um convite aos alunos dos terceiros para que participassem da Experiência como se fosse um “teste” para a que eles executariam daqui uns meses e 30 voluntários aceitaram o desafio. Fizemos um planejamento de acordo com o nosso público-alvo. Com a turma de Administração o tema trabalhado foi Empatia e com a de Contabilidade, Trabalho em equipe - temas sugeridos pelas Coordenadoras de cada Curso devido à necessidade encontrada por elas. Para a aplicação com o corpo docente tive o apoio da nossa Coordenadora Pedagógica e o objetivo foi apresentar, na prática, um novo olhar para nossos alunos. Foi interessante observar as ações/reações do público adulto. Primeiro porque eu nunca tinha desenvolvido o projeto com/para eles e, segundo, porque espera-se que o adulto saiba lidar melhor com suas emoções e com mais maturidade. Para Northrop Frye⁵ (2017, p.13) “um sujeito que não sabe nada de literatura pode ser um

⁵ Herman Northrop Frye (1912-1991) foi um dos mais influentes críticos literários canadense do século XX. Sua obra mais notável é *Anatomia da Crítica* – quatro ensaios, - obra que

ignorante, mas muita gente não se importa de ser ignorante”. Infelizmente ou não, este é um fato. Ouvimos os mesmos risos, piadas, alguns “palavrões” por parte de alunos dos cursos de Administração e Contabilidade. Quanto aos professores, parece que foi bem divertido orientar seu colega de trabalho “cego” para o lado oposto do planejado. Ao final de ambas atividades, fiz um feedback explorando os pontos que mais chamaram a atenção. Alguns alunos do noturno não ligaram tanto para as observações; outros, perceberam o nosso propósito. Aos professores ficou um alerta do quanto às vezes tal atividade é fácil de ser executada partindo da nossa perspectiva, já que estamos envolvidos nela há muito tempo, enquanto para nossos alunos, em processo de aprendizado, nem sempre é tão óbvio assim.

A Pandemia da COVID-19 nos fez reinventar a Experiência Saramago. Nunca foi tão fácil trabalhar a metalinguagem – Saramago em 2020 e no seu aniversário de 10 anos de morte foi feito à distância, em quarentena. Devido a situação atípica que nos assolou deixei em aberto aos alunos dos terceiros anos a opção de participar da elaboração da Experiência. Os que se aventuraram, realmente estavam dispostos a encerrar seu último ano com este projeto, pois esperaram desde o primeiro ano para fazê-lo. Planejamos da mesma forma que nos anos anteriores e nos dias 10 e 11 de dezembro realizamos a Experiência Saramago com um número mais reduzido de alunos dos primeiros e segundos anos do Ensino Médio e ETIM⁶. Confesso que foi tão emocionante quanto se estivéssemos presencialmente. Claro que a quarentena nos deixou mais emotivos, presos em casa há tanto tempo, mas o desenvolvimento deste projeto é uma grande realização.

As práticas de sala de aula precisam contemplar o processo de letramento literário e não apenas a mera leitura das obras. A

aborda uma visão geral da crítica literária.

⁶ Ensino Técnico Integrado ao Médio em Administração.

literatura é uma prática e um discurso, cujo funcionamento deve ser compreendido criticamente pelo aluno. Cabe ao professor fortalecer essa disposição crítica, levando seus alunos a ultrapassar o simples consumo de textos literários.” (COSSON, 2014, p.40)

3 As Competências Socioemocionais em Saramago

Entender o ser humano na sua integralidade sempre foi um desafio. A promoção do desenvolvimento das dimensões intelectual, física, afetiva, social, ética, moral e simbólica, só pode ser feita com o aprendizado e prática de habilidades que adquirimos ao longo da vida. O modo como as pessoas pensam, sentem e agem em determinadas situações é totalmente influenciado pelas Competências Socioemocionais.

Nesse sentido, tem-se observado a preocupação em criar programas de intervenção para o desenvolvimento das competências e habilidades socioemocionais na escola com modelos de aprendizagem que possam promover o bem-estar dentro deste ambiente. Em 2019, com o intuito de abordar a integração das aprendizagens socioemocionais nas escolas de Portugal, a Direção-Geral da Educação (DGE) em conjunto com a Direção-Geral da Saúde (DGS) revisou o “Manual Saúde Mental em Saúde Escolar - Promoção de Aprendizagens Socioemocionais em Meio Escolar”. Entendido como um recurso pedagógico, este material integra alguns temas e objetivos do Referencial de Educação para a Saúde oferecendo uma orientação nas áreas da promoção da saúde e bem-estar como um todo, além do desenvolvimento das relações interpessoais, voltado a crianças desde a educação pré-escolar ao ensino secundário. De acordo com esta proposta o desenvolvimento de programas e projetos influenciam na proteção da saúde mental ao criarem climas de aprendizagem que, a médio prazo, garantem ganhos em saúde mental e, conseqüentemente, sucesso escolar.

Já no cenário brasileiro, desde 2015 a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) vem sendo debatida e elaborada. Este documento estabelece 10 competências gerais (cognitivas e emocionais) as quais norteiam as áreas de conhecimento e os componentes curriculares que devem ser trabalhados nas escolas públicas e particulares, da Educação Infantil ao Ensino Médio. Essas competências, essenciais para assegurar os direitos de aprendizagem de todos os estudantes, corroboram para o fortalecimento de uma sociedade mais igualitária, além de promover comunicação, criatividade, pensamento crítico e científico, empatia e autoconhecimento.

Dentre os diversos modelos científicos existentes no que diz respeito ao estudo das competências socioemocionais, o Instituto Ayrton Senna adota a organização dessas competências em cinco macrocompetências, a saber: abertura ao novo, autogestão, engajamento com os outros, amabilidade e resiliência emocional. Neste conjunto macro existem 17 competências socioemocionais consideradas importantes para serem desenvolvidas no contexto escolar.⁷

Por mais que tenhamos hoje muita informação disponível através da internet é contraditório ver que não estamos nos tornando mais resilientes. O que temos enfrentado nessa sociedade do cansaço, de Byung-Chul Han, é um aumento de transtornos, seja de ansiedade e/ou depressão, e de síndromes, como a de *Burnout*.

Dados da OMS (Organização Mundial da Saúde)⁸, 2020, nos alertam que

⁷ As 17 competências são: determinação; foco; organização; persistência; responsabilidade; empatia; respeito; confiança; tolerância ao estresse; autoconfiança; tolerância à frustração; iniciativa social; assertividade; entusiasmo; curiosidade para aprender; imaginação criativa e interesse artístico.

⁸ Vale ressaltar que esses dados foram agravados devido nossa atual situação pandêmica. Disponível em: <https://heja.org.br/noticias/brasil-e-o-pais-com-o-maior-numero-de-pessoas-ansiosas-do-mundo/>

o Brasil é o segundo com maior número de depressivos nas Américas, com 5,8% da população, ficando atrás somente dos Estados Unidos, com 5,9% de depressivos. A doença afeta 4,4% da população mundial. O Brasil também é o país com maior prevalência de ansiedade no mundo: 9,3%. [...] O suicídio já é a terceira principal causa externa de mortes no Brasil, atrás de acidentes e agressões, com 12,5 mil casos em 2017, conforme o Ministério da Saúde (MS). [...] Entre jovens de 15 a 29 anos, o suicídio foi a segunda maior causa de morte.

O que mais observamos hoje nas escolas é um aumento considerável de crianças e adolescentes cada vez mais ansiosos, tanto por questões pessoais quanto pela incerteza do futuro profissional. Desânimo, transtorno do sono, ansiedade e isolamento social são sinais que podem ser captados por qualquer professor mais atento na sala de aula, embora saibamos que nem todas as escolas/professores têm estrutura e preparo para lidar com essa atenção. Lamentavelmente, nossa sociedade ainda romantiza a depressão não a encarando como uma doença e ainda mais agora com a pandemia que muitos quadros de depressão e ansiedade se intensificaram. Em 2018 o debate em torno da saúde mental na escola entrou em cena ao vir a público notícias de ondas de suicídio em colégios brasileiros.

Pensando em reverter este quadro, é necessário trabalhar o controle do EU, pois quem pensa em suicídio só deseja acabar com a dor que está sentindo, seja ela proveniente de um abandono ou exclusão, por exemplo. Aprender a não deixar nossas emoções e pensamentos negativos sabotarem nossa saúde mental não é título de *best-seller* de autoajuda, é assunto sério e nos auxilia a ter controle da nossa vida, consciente e efetivamente. Parece utópico, mas dar espaço no currículo escolar para o aprendizado das competências socioemocionais com o propósito de dar importância ao EU é uma tentativa de mostrar à comunidade escolar que a preocupação não é só com resultados, mas também com o bem-estar.

[...] o mais importante que a escola precisa fazer é dotar as pessoas de um modo de se relacionar com as coisas. E essa relação com as coisas é perturbada quando a competição é colocada no seu lugar. Nesses termos, creio que uma parte da desbarbarização possa ser alcançada mediante uma transformação da situação escolar numa tematização da relação com as coisas, uma tematização em que o fim da proclamação de valores tem uma função, assim como também a multiplicidade da oferta de coisas, possibilitando ao aluno uma seleção mais ampla e, nessa medida, uma melhor escolha de objetos, em vez da subordinação a objetos determinados preestabelecidos, os inevitáveis cânones educacionais. (BECKER in ADORNO, 2020, p.178).

À vista disso, o trabalho com o romance *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago nas aulas de literatura atrelado à importância das Competências Socioemocionais é mais um passo que nós professores de literatura podemos dar a fim de valorizar a saúde mental, e não somente quando entrarmos em um estágio deplorável e que pode ser um caminho sem volta para o adolescente e sua família. Deste modo, minimizaríamos os números da OMS e o que nosso sistema educacional não consegue, ainda.

a literatura é uma linguagem que compreende três tipos de aprendizagem: a aprendizagem da literatura, que consiste fundamentalmente em experienciar o mundo por meio da palavra; a aprendizagem sobre a literatura, que envolve conhecimentos de história, teoria e crítica; e a aprendizagem por meio da literatura, nesse caso os saberes e as habilidades que a prática da literatura proporciona aos seus usuários. As aulas de literatura tradicionais, como já vimos, oscilam entre essas duas últimas aprendizagens e, praticamente, ignoram a primeira, que deveria ser o ponto central das atividades envolvendo literatura na escola. (M. A. K. Halliday *apud* COSSON, 2014, p.40)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. **Educação e Emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. – 2ª edição revista – São Paulo: Paz e Terra, 2020.

BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. **Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida**. 1. ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BRASIL. **Linguagens, códigos e suas tecnologias** / Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 239p. (Orientações curriculares para o ensino médio; volume 1)

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc-etapa-ensino-medio> (Acesso realizado em Março de 2021).

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2ª ed., 4ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2014.

HEJA. Hospital Estadual de Jaraguá – Dr. Sandino de Amorin. **Brasil é o País com o maior número de pessoas ansiosas do mundo**. Disponível em: <https://heja.org.br/noticias/brasil-e-o-pais-com-o-maior-numero-de-pessoas-ansiosas-do-mundo/> (Acesso realizado em Junho de 2020).

INSTITUTO AIRTON SENNA. **BNCC – Construindo um currículo de educação integral**. Disponível em: <https://institutoayrtonsenna.org.br/pt-br/BNCC/desenvolvimento.html> (Acesso realizado em Março de 2020).

JOUBE, Vincent. **Por que estudar literatura?** Vincent Jouve; Marcos Bagno e Marcos Mancionilo, tradutores - São Paulo: Parábola, 2012.

LEITE, Sara de Almeida. **Repensar o ensino da literatura a propósito do Ensaio sobre a Cegueira de José Saramago**. Estudos Literários, Portugal, v.3, nov./2014. Ensino de Literatura. Secção Temática.

MINOIS, Georges. **A história do riso e do escárnio**. Tradução Maria Elena Ortiz Assumpção. – São Paulo: Editora UNESP, 2003.

NETO, Pedro Fernandes de Oliveira (org.) **Pecas para um ensaio**. Belo Horizonte, MG: Moinhos, 2020.

PAYOT, Jules. **Educação da vontade**. 1ª edição – Título original: *L'éducation de la volonté*, 1894. Campinas: São Paulo, 2018.

PORTUGAL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Manual Saúde Mental em Saúde Escolar - Promoção de Aprendizagens Socioemocionais em Meio Escolar**. Disponível em: http://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/31861/1/SaudeMental_em_Sau%CC%81de%20Escolar_2019.pdf (Acesso realizado em Agosto de 2020).

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a Cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Recebido em Maio de 2021.

Aprovado em Junho de 2021.